



## Wine, Punanny: o quadril no Female Dancehall

Palavras-Chave: Dancehall, Mulher Negra, Ancestralidade

Autoras:

Livia Nara Viana Mendes [IA - UNICAMP]

Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> Mariana Baruco Machado Andraus (orientadora) [IA - UNICAMP]

---

### INTRODUÇÃO:

Este trabalho de iniciação científica teve como objetivo tecer a relação entre as experiências de viventes da cultura *Dancehall* na construção das corporeidades dançantes desta manifestação. Nesse sentido, esta pesquisa visou, a partir de um estudo prático-teórico, investigar como ocorrem as movimentações no *Female Dancehall*, tendo um olhar de destaque para a centralidade do quadril, frente ao contexto em que foram criadas e que ainda são executadas. Assim, por meio da prática corporal e do levantamento de um referencial bibliográfico, busquei romper com estereótipos impostos acerca dos movimentos femininos no que tange à vulgarização dentro dessa cultura e reforçar o caráter intrínseco à dança *Dancehall* de celebração do corpo, da feminilidade e da fertilidade da mulher negra. Em outras palavras, defendi o movimento do quadril como uma tecnologia ancestral e coletiva utilizada há séculos pelo povo negro, em especial, pelas mulheres, que confere autoconhecimento, autorespeito e autovalorização. Como síntese prática da pesquisa, foi feita uma reunião de trechos dos materiais audiovisuais gravados, tanto dos estudos técnicos, em que pesquisei algumas movimentações de *Female Dancehall*, quanto dos laboratórios de criação.

### METODOLOGIA:

A pesquisa se deu por um método teórico-prático em que mobilizei um levantamento e uma análise de referências bibliográficas, e, ainda, realizei experimentações corporais, por meio de laboratórios de estudo técnico e de criação, para que a pesquisa envolvesse tanto a vivência no corpo, quanto o entendimento conceitual.

A pesquisa se desenvolveu de acordo com as seguintes etapas: (i) levantamento bibliográfico; (ii) leitura e fichamento de textos; (iii) laboratórios práticos de estudo técnico e de criação, feitos nas salas

disponíveis pelo Departamento de Artes Corporais para os graduandos em Dança pela Unicamp, que foram gravados; (iv) gravação das demonstrações dos estudos técnicos para acompanhamento do processo pela orientadora; (v) escrita e submissão do relatório parcial; (vi) análise dos estudos técnicos e seleção de materiais de vídeo; (vii) estruturação da síntese prática; (viii) escrita e submissão do relatório final.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **Culturas *Sound Systems* e *Dancehall***

A cultura *Dancehall* se desenvolveu na década de 1980 no contexto de socialização e de festividade marcante dos bailes de rua nas periferias jamaicanas. Sucessora direta da cultura *Sound System*, que surgiu em meados de 1950, bem como do *Reggae*. O ambiente construído pelos *Sound System* compõe um espaço de construção e afirmação de uma identidade negra, uma vez que possibilita o entretenimento, a união e a expressão artística, de tal forma a configurar ambientes que proporcionam prazer a uma juventude excluída socialmente e que possui notável riqueza e diversidade cultural.

Dessa forma, observa-se que a cultura *Dancehall*, advinda dos *sound systems* e vivida em bailes de rua, é uma forma de construir lugares de referência e de expressão de liberdade para corpos negros. É imprescindível salientar, mediante o exposto, o caráter de resistência pulsante no movimento que busca celebrar a vida frente aos cenários de violência, marginalização e invisibilidade social, tendo como base filosofias de amor, integração, paz, diversão e respeito, além de mensagens informativas acerca do cenário político, social e econômico que promovem consciência, engajamento e letramento.

### ***Female Dancehall* e a magia do rebolado**

O *Dancehall* é compreendido e estudado a partir de uma subdivisão em eras, chamadas: *Old School*, *Middle School* e *New School*. Identificam-se ainda subdivisões como o *Female Dancehall* e o *Bad Man Style*. Dessa maneira, constata-se uma completude e complexidade de uma cultura que expressa a realidade e o contexto cultural, social, político e econômico de seus produtores e que é mutável e dinâmica frente às novas circunstâncias. Em outras palavras, trata-se de uma cultura que acompanha as mudanças de costumes, de comportamentos, da música, de leis, de tecnologia e da moda.

O *Female Dancehall*, por sua vez, é uma vertente criada e praticada por mulheres, tendo como base a movimentação de rotação do quadril - *Wine* - uma vez que é a primeira expressão do corpo em resposta à batida da música. O estilo possui como referência os seguintes nomes: Carlene Smith, Mad Michelle e Latonya Style, sendo estas algumas mulheres dentre um cenário extenso e diverso. Há ainda um fenômeno emancipatório concretizado nas competições entre as rainhas do *Dancehall*, as *Dancehall Queens*. Este título é oferecido às celebridades femininas que reúnem os valores de um espetáculo de moda, de um corpo sedutor e de um controle total sobre sua dança, dado ao intrínseco momento de

choque e disputa característico da cultura *Dancehall*, chamado *clash*. Evidencio que Carlene Smith, foi a primeira mulher a ser coroada Rainha do *Dancehall*, em 1992, ao vencer o *clash* Uptown X *Dancehall*. (BELLINGER, PESSOA, p. 50)

As movimentações, repletas de ancestralidade, são como um rito de fertilidade feminino, em que o corpo da mulher é uma figura central no *Dancehall*, de modo a propor uma autoconsciência, uma autovalorização e uma libertação acerca das amarras referentes à vivência da sexualidade e da sensualidade da mulher, especialmente, da negra (COOPER, 2004, pp.101-102). Portanto, é evidente que há um protagonismo de mulheres negras na cena do *Dancehall*, tanto em sua construção, quanto em sua disseminação.

Ao compreender o *Female Dancehall* enquanto ferramenta de empoderamento de mulheres negras, destaco o caráter tecnológico e ancestral imbuído nas movimentações de quadril, no *wine*. Nesse sentido, compartilho a fala da socióloga Stanley Niaah, no episódio *Kimiko e Versatile*, da série *Move*, disponível na plataforma de *streaming* Netflix:

“O *dancehall* é mais técnico do que parece. A parte mais importante do corpo da mulher no *dancehall* são os quadris. As nádegas fazem parte da área do quadril e a ênfase está na habilidade de rotacionar, girar, balançar, remexer, ou até parar de modo acentuado o movimento das nádegas. Então, mulheres capazes de controlar suas nádegas têm lugar de primazia. Tudo isso remonta às raízes africanas e ao contexto do ritual do parto.”

O rebolado é praticado por mulheres a milênios em diferentes regiões do mundo. Como mencionado por Machado:

“as mulheres rebolam, e isso não é vanguarda, isso não é um privilégio do tempo presente, é um fato. Mulheres rebolam, mulheres rebolam por muitos motivos, e o principal deles é que a gente gosta. A bunda é nossa e a gente faz com ela o que a gente quiser! Mas foi na base da experimentação que eu entendi uma coisa prática e profunda: as mulheres rebolam porque quando a gente rebola a vagina se lubrifica.” (MACHADO, 2020, p. 34-35)

Durante a pesquisa, fui instigada a olhar para a forma com que os jamaicanos se envolvem com o *Dancehall*. Há um fomento expressivo da identidade do povo por meio da cultura, desde a independência da nação, em 1962. Nesse sentido, é reconhecida a importância da língua, da dança, da música e da religiosidade que, desde o período escravocrata, resgatam e renovam tradições africanas. Cria-se, ou melhor, recria-se com autenticidade elementos culturais que contam e registram a realidade dos jamaicanos, entre os momentos de otimismo e de desespero político.

A essência da música jamaicana está, desse modo, na manutenção da memória e da consciência histórica do povo. Como mencionado por Beatriz Nascimento, em Ori:

“[...] a memória são conteúdos de um continente, de sua vida, de sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento. Não é a toa que a dança para o negro é um momento de libertação. O homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto que ele não é mais um cativo. (BERGER, 1989).”

## **Desenvolvimento corporal**

Ressalto que os laboratórios práticos de estudo técnico reuniram materiais levantados que compuseram a síntese prática. No cotidiano das pesquisas corporais, estabeleci um ritual que consistiu em uma sequência de alongamentos e aquecimentos para preparação da prática, além de realizar uma *routine*, isto é, ato de criar uma ordem de movimentações a serem estudadas e repeti-la inúmeras vezes, com o objetivo de desenvolver técnica, compreender a intencionalidade (também nomeada como *feeling*) das movimentações. Esta lógica é comumente utilizada nas aulas de *Dancehall*, sendo um método de estudo técnico.

Utilizei do vídeo “*A-Z FEMALE DANCEHALL STEPS*”, disponibilizado na plataforma *Youtube* no canal da *Latonya Style*, em que a própria dançarina demonstra 26 movimentações da categoria *Female Dancehall*, disseminando seus nomes e criadores. Com isso, pude pesquisar a partir da referência da corporeidade de uma jamaicana a execução, a intencionalidade, as variações e os ritmos envolvidos em determinadas movimentações.

A videoperformance, por fim, se deu como junção de trechos dos materiais audiovisuais gravados, tanto dos estudos técnicos, em que pesquisei algumas movimentações de *Female Dancehall*, quanto dos laboratórios de criação. A edição se deu de forma orgânica, por meio de testes e tentativas, buscando relacionar harmonicamente os movimentos com estímulo sonoro, sendo que a escolha das movimentações se deu pelo sentido que carregam, pela melhor execução técnica e qualidade de imagem. Para a trilha sonora, escrevi e recitei<sup>1</sup> um texto em prosa poética que relata de forma breve o processo da pesquisa que compôs como trilha sonora do vídeo.

## CONCLUSÕES:

O *Female Dancehall* é uma dança em que sua técnica vai além do rebolado. Trata-se da expressão do que se sente, do que a música canta e da afirmação do poder de uma mulher através da dança. É um ambiente de representação e demonstração da capacidade, força e potencialidade feminina em que as mulheres possuem consciência corporal e política, de modo que não se colocam como submissas ao domínio masculino. Pelo contrário, dançam para se posicionar e comunicar como se sentem enquanto mulheres e enquanto mulheres negras.

Diante disso, reflito que adquiri embasamento para sustentar e cumprir com o objetivo inicial da pesquisa de desmistificar os estereótipos impostos acerca dos movimentos femininos que os reduzem à obscenidade; e reforçar o caráter intrínseco à dança *Dancehall* de celebração do corpo, da feminilidade e da fertilidade da mulher negra. Saliento, contudo, que há controvérsias, sendo que para alguns estudiosos e vivenciadores da cultura, constata-se misoginia e vulgaridade. Destaco, entretanto, que se trata de uma tecnologia tradicional e ancestral em que o ponto de vista sobre o corpo transcende as noções ocidentais e colonialistas e retoma perspectivas africanas sobre dança, corporeidade e ancestralidade.

---

<sup>1</sup> A captação do som se deu por meio de um aplicativo de celular chamado *BandLab*, que possui gravador de voz.

Esses elementos apresentados confirmam as minhas percepções acerca do vínculo da cultura *Dancehall* com suas origens ancestrais africanas. As tradições são, portanto, constantemente atualizadas, de modo que se mantêm contemporâneas. Os saberes transmitidos pela oralidade; a conectividade entre música e dança; as simbologias presentes e vivas nas linguagens; a forma de se fazer e se estruturar a cultura. Todos esses elementos são comuns entre a diáspora negra, uma vez que são fundamentos de culturas africanas transmitidas e rememoradas aos seus descendentes. Todos esses elementos transportam vivacidade, memória e história de uma cosmopercepção negra.

Todos os episódios e ponderações apresentados aguçaram minha percepção no que diz respeito ao meu pensar e fazer artístico, bem como a minha identidade. Pude validar a noção de corpo expandida, que subverte o pensamento cartesiano em que corpo, mente e contexto não se relacionam (SILVA, 2020, p. 163). Pude valorizar o entendimento de corpo enquanto instrumento que conta histórias ao dançar em consonância com a música. Pude ratificar a relevância da oralidade que se faz fundamentalmente presente desde os terreiros aos bailes de *sound system*. Desse modo, reconheci, assumi e me apropriei desta forma de compreender e criar arte, o que favoreceu o fortalecimento da minha identidade e autoestima enquanto uma mulher negra brasileira e artista.

Diante disso, questioneei-me: o que reafirma a minha identidade cultural enquanto uma mulher negra brasileira? Considerando que não sou jamaicana, quais são os elementos culturais vivos em minha nação que pulsam a minha ancestralidade? O que me provoca consciência política, letramento racial e sentimento de pertencimento no meu país?

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço à Fapesp, pela concessão de bolsa (processo 2022/05513-5) para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também aos meus familiares, amigos e a minha orientadora que me acompanharam, me incentivaram e me ampararam neste processo.

## **BIBLIOGRAFIA**

BELLINGER, Isabella; PESSOA, Suelen (Orgs.). **Jamaica, Jamaica!** Catálogo organizado e publicado pelo Serviço Social do Comércio 24 de Maio. São Paulo: SESC, 2018

COOPER, Carolyn. **Sound clash: Jamaican dancehall culture at large**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

**KIMIKO E VERSATILE** (temp. 1, ep. 4). Move (Seriado). Direção: Thierry Demaizière, Alban Teurlai. Produção: Netflix, 2020 (54 min).

MACHADO, Taísa. **O afrofunk e a ciência do rebolado**: Coleção Cabeças da Periferia. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.